

LINHAS GERAIS DE UM PROBLEMA

Jean Marcel Carvalho França

Milena da Silveira Pereira

Esta é a primeira coletânea de ensaios resultante das discussões e pesquisas levadas a cabo no interior do grupo Escritos sobre os Novos Mundos: uma história da construção de valores morais em língua portuguesa, projeto temático financiado pela FAPESP, com o apoio do CNPq. Para os que desejam conhecer as atividades do grupo – amplamente divulgadas no site <<http://unesp.br/escritos/>> –, o Escritos..., sediado no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (CEDAPH), na UNESP, *campus* Franca, inicialmente (2011) se voltou para a construção de bancos de dados digitais de documentos serializáveis que interessam à história das construções culturais em língua portuguesa. Passado o período de implantação (2013), no entanto, tornou-se imperioso verticalizar as discussões relativas ao arcabouço teórico que utilizávamos para interrogar as diversas séries documentais que tínhamos armazenado nos nossos bancos de dados – bancos de consulta pública. Estabeleceu-se, então, um ambicioso plano de pesquisa, destinado a mapear faces da construção de códigos de conduta comuns ao mundo luso-brasileiro entre os séculos XIV e XIX e em escrever uma história dos modos de produção da verdade em língua portuguesa.

Dito desse modo, tal objetivo pode parecer ao leitor demasiado amplo e excessivamente vago, todavia, os trabalhos que temos desenvolvido – cujos pilares daremos a conhecer abaixo para que se possa apreciar devidamente a presente coletânea – são mais limitados e precisos. Elegemos como campo de análise duas sociedades historicamente articuladas: a sociedade portuguesa e a que veio a ser, a partir dos séculos XVIII e XIX, denominada brasileira. Procuramos isolar, no interior dessas sociedades, os processos envolvidos na constituição moral dos seus membros; para tanto, reduzimos o nosso escopo a alguns conjuntos discursivos

que consideramos fundamentais para entendermos os aspectos de uma moral socialmente partilhada de um e outro lado do Atlântico.

O ponto de partida escolhido foi o Portugal do século XIV, quando se prepara uma expansão marítima que conectará o mundo europeu a outros mundos e desencadeará um processo de reestruturação das bases morais que sustentam a sociedade portuguesa. Para explorar este período de formação, um dos dois núcleos de estudos que compõem o grupo tem se dedicado a analisar não apenas os escritos elaborados em língua portuguesa pela primeira vez nos Quatrocentos e início dos Quinhentos, mas também traduções ou compilações para essa língua realizadas nesse período em que, como mencionado, a grande expansão é preparada e levada adiante.

Para apreender as três dimensões essenciais do empreendimento pedagógico dos autores dos séculos XIV a XVI – a construção da memória, o controle do corpo e o fortalecimento do espírito –, reunimos para análise um conjunto de escritos, legados por viajantes e outros letrados, que ajudaram a traduzir para portugueses e seus coetâneos, por meio da rememoração e da produção de narrativas, os mundos próximos e distantes que estavam incorporando ao seu mundo. Entre esses escritos de matiz moralizante encontram-se, além dos relatos de viagem, as crônicas e histórias, escritos que tinham a pretensão de servir como registro verdadeiro do passado, ou seja, como uma espécie de espelho das coisas passadas segundo a ordem em que ocorreram no tempo. Tais discursos, malgrado a sua diversidade, compartilham um mesmo propósito: falar do antes para interferir no depois, cruzar experiências passadas para oferecer modelos de condutas futuras. Priorizando temas relativos à governação e aos modelos virtuosos e viciosos de governantes, tais documentos registraram, num período de expansão do mundo conhecido, aquilo que se julgava incontornável para ser guardado para os tempos vindouros.

Examinar, no entanto, um Portugal que, direta ou indiretamente, se prepara para aceder a novos mundos, não é, bem entendido, nem um exercício retrospectivo, nem tampouco uma busca das origens medievais do Brasil, o que pressuporia uma certa ideia de continuidade histórica. O que temos procurado fazer é esquadrihar um patrimônio moral comum, que, submetido a deslocamentos espaciais e temporais, permitiu apropriações e combinações variadas dentro e fora do Velho Mundo, apropriações e combinações nem sempre lineares.

É precisamente à apropriação, recombinação e recriação nos trópicos desse repertório intelectual de matiz lusitano que tem se dedicado o segundo núcleo de pesquisas do grupo. Três são os eixos que temos utilizado para captar o que poderíamos denominar um processo não contínuo e não linear de transmigração

cultural. O primeiro eixo diz respeito à constituição de um repertório de ideias morais e de normas de conduta propagadas por meio de sermões, panegíricos fúnebres, memórias acadêmicas, descrições de festas cívicas, poesias, crônicas de ordens religiosas, cartas anuais e outras publicações de classificação incerta que circularam pela colônia entre meados do século XVI e início do XIX. A análise de tal *corpus* discursivo, *corpus* que praticamente esgota a produção escrita em língua portuguesa com menções ao Brasil e aos brasileiros dos séculos XVI, XVII e XVIII, visa não propriamente captar os mecanismos de recepção e propagação de tais discursos – ainda que seja possível demarcar minimamente o perfil de um provável público leitor colonial –, mas isolar no seu interior os contornos de um universo moral próprio da colônia, construído por homens letrados para os seus iguais e difundidos aos grupos não letrados por meios orais e visuais.

O segundo eixo, que corre em paralelo ao anterior, esquadrinha os diferentes caminhos construídos pelos letrados setecentistas e oitocentistas de língua portuguesa para lidar com o abrangente e estruturante tema da escravidão no mundo luso. O conjunto documental de que o grupo lança mão aí é composto de uma gama de textos que aflorou nos dois lados do Atlântico – sobretudo a partir de meados do século XVIII –, numa época de renovado interesse dos práticos e juristas lusos e brasileiros pelo direito positivo, a saber: manuais, tratados, dissertações, notas de uso prático, fascículos, coleções, extratos de leis e códigos comentados. A partir do exame minucioso das complexas relações que se estabeleceram no Brasil entre a legislação, o direito e o cativo de africanos e descendentes, o grupo tem buscado promover o mapeamento das peculiaridades presentes numa moral católica marcada pelas relações escravistas.

O terceiro e último eixo, que vem complementar e arrematar os dois anteriores, destina-se a abordar os escritos que, ao construírem a história do Brasil nos Oitocentos e nas primeiras décadas dos Novecentos, tomaram como documentos os textos esquadrinhados nos dois eixos descritos anteriormente. O que se busca analisar aqui é o modo como, inspiradas nos princípios da moderna crítica histórica que se desenvolveu no Ocidente a partir do ocaso do século XVIII, os historiadores brasileiros dos Oitocentos serviram-se do repertório intelectual de matiz lusitano compartilhado nos trópicos para escrever as primeiras histórias nacionais. Tais histórias, como temos procurado demonstrar, desempenharam um papel privilegiado na construção de uma moral de cor local, conferindo um sentido de coletividade – geografia, língua, tradições e passado partilhados – à vida daqueles homens e mulheres que deveriam compor a recém-criada nação independente.

O grupo Escritos sobre os Novos Mundos..., em resumo, tem buscado, ao longo do último quinquênio, escrever uma história dos pactos morais da sociedade luso-brasileira, dos seus modos de produção da verdade; uma história escrita a várias mãos, contemplando um largo escopo temporal e sustentando-se numa gama variada de escritos.

Depois de um biênio de intensas atividades, ao longo do qual trouxemos a público, baseados nas partilhas e análises sintetizadas acima, alguns livros autorais e diversos estudos – individuais ou em coautoria¹ –, julgamos oportuno, para melhor divulgar os trabalhos que temos desenvolvido e estabelecer diálogos com outros estudiosos, lançar uma obra mais acessível, que envolvesse pesquisadores, nacionais e estrangeiros, internos e externos ao Escritos sobre os Novos Mundos. O resultado é o livro que o leitor tem em mãos, ao longo do qual autores diversos, interrogando universos temáticos e temporais variados, buscaram responder, cada um a seu modo, a seguinte questão: tendo em vista um conjunto determinado de documentos, isto é, um discurso articulado com pretensão à verdade, o que se pode extrair daí no que tange à construção de padrões de conduta?

Os participantes, como o leitor poderá constatar, deram respostas criativas e múltiplas à questão proposta. A pesquisadora Maria Cristina Correia Leandro Pereira, membro do grupo Escritos..., no seu “O discurso moralizador das margens dos manuscritos iluminados no Ocidente Medieval”, explora o universo de imagens periféricas em manuscritos medievais – imagens “marginais” de conteúdos variados (satíricos, eróticos, irônicos, lúdicos, políticos etc.) situadas nas margens das páginas – buscando demarcar a “economia moral” que surge a partir da tensa relação que se estabelece entre tais imagens, o escrito e as demais imagens contidas no manuscrito e destacar o potencial moralizante que daí resulta. Em seguida, interrogando período contíguo ao de Pereira, a pesquisadora Michelle Souza e Silva, no seu “A arte de ensinar por escrito: os tratados em língua portuguesa (séculos XIV-XV)”, debruça-se sobre os tratados em língua portuguesa produzidos nos séculos XIV e XV – obras destinadas a instruir os leitores sobre as várias facetas de uma determinada arte ou ciência – e procura analisar aí os diversos argumentos que os escritores avançaram para explicar e legitimar as suas obras. A autora, que também é membro do grupo Escritos..., procura demonstrar que, não obstante a especificidade de cada tratado escrito em Portugal, todos caracterizavam-se pelo empenho em, por meio do regramento do espírito, disciplinar as ações dos

¹ França (2015), Mainente (2015), Teodoro (2016), Pereira (2016), Neto, Bueno e Birro (2016), Viotti (2017), Rocha (2017), Pereira (2017), França, Nascimento e Lima (2017).

homens do reino no plano terreno. Leandro Alves Teodoro, outro membro do grupo, em “Os bispos portugueses entre visitas e prescrições”, retoma o problema da moralização, interrogando os escritos que organizaram a vida e o cotidiano nas dioceses portuguesas do século XV, nomeadamente as cartas de visitação e as constituições sinodais quatrocentistas. Teodoro descreve em detalhes as ações pecaminosas e edificantes aí contidas e identifica as prescrições morais para leigos e clérigos daí decorrentes.

A também pesquisadora do grupo Susani Silveira Lemos França, em “Historiar e ensinar em língua portuguesa nos séculos XV e XVI”, procura demonstrar como um gênero de escritos, que se apresentava nos séculos XV e XVI como espelho das coisas passadas, organizou a história em torno de grandes homens que avançaram por terras alheias e ganharam a posteridade menos como conquistadores e mais como cristãos exemplares, isto é, como homens escolhidos por Deus e dotados de virtudes que deviam ser seguidas também por aqueles a quem restava missão menos gloriosa que a expansão. José Rivair Macedo, docente de História da África na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um dos pesquisadores que se dispôs a pensar com os membros do grupo sobre os códigos morais em língua portuguesa, buscou, no seu “Duarte Pacheco Pereira, os africanos e o forte de São Jorge da Mina (1505-1522)”, esquadriñar o renomado *Esmeraldo de situ orbis*, “o mais eloquente testemunho do processo de incorporação do universo africano à visão de mundo cristão”. Macedo mapeia as representações dos povos africanos da Costa da Baixa Guiné, legadas por Duarte Pacheco Pereira, na dupla perspectiva que o humanista português pinta da região, a saber: a do navegador escritor, que mostra o cenário e as gentes vistos por um visitante; e a do escritor burocrata, que, na qualidade de oficial da coroa, avalia as relações diplomáticas, políticas e comerciais efetivas que se começavam a estabelecer com os povos da região.

Avançando um pouco mais no tempo, a pesquisadora do grupo Milena da Silveira Pereira, em “Um Brasil em memórias científicas”, interroga um conjunto de descrições das terras do Brasil – as memórias científicas luso-brasileiras publicadas nas últimas três décadas do século XVIII – saídas de escritos dedicados a ensinar modos mais racionais de explorar as riquezas naturais e as potencialidades da colônia; modos diversos daqueles que até então pautavam a ação dos próprios colonos e da administração colonial. Trata-se, em linhas gerais, da tentativa de esquadriñar uma produção escrita preocupada em promover a agricultura, combater doenças, difundir as utilidades dos recursos naturais existentes no país e, ao fim e ao cabo, criar verdadeiros programas de atuação do Estado.

Maria de Fátima Reis, outra pesquisadora convidada, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e secretária-geral da Academia Portuguesa da História, situa seu “Práticas e discursos de criação dos expostos em Portugal no fim do Antigo Regime: moralidade e disciplinamento” em pleno século XIX. O ponto central da autora são os expostos, os recém-nascidos abandonados, um dos principais problemas de saúde pública do período e que demandou estratégias de resolução que passavam pelo controle das casas de expostos e pela disciplinarização das amas. O seu empenho é no sentido de recuperar alguns discursos, como tratados, memórias e folhetos, reveladores dos pressupostos morais que alimentaram os debates em torno da difícil sustentabilidade desse sistema que clamava por mudanças.

Duas outras pesquisadoras convidadas, Maria Renata da Cruz Duran, docente de História Moderna da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e Isabel Maria Ribeiro Mendes Drumond Braga, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no seu “Educação sentimental na oratória sagrada portuguesa setecentista”, abordando 13 manuais de retórica em língua portuguesa publicados entre 1746 e 1834 e destinados aos pregadores, fixam seu olhar sobre o papel que desempenharam na educação sentimental dos leitores. Tal empreendimento, como bem esclarecem as autoras, pretende dar a conhecer tanto a atmosfera emocional da época quanto as relações de poder que dão forma ao comportamento dos homens de então.

Finalmente, encerrando este longo périplo por diversos modos de abordar os códigos morais em língua portuguesa através dos tempos, a pesquisadora convidada Sheila Moura Hue, docente de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), propõe, no seu “Imagens do Brasil para além de Gandavo”, uma viagem em dois tempos. Partindo do poema *Pau-Brasil* (1925), nomeadamente a leitura irônica que Oswald de Andrade faz da carta de Pero Vaz de Caminha e, sobretudo, do *História da província Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gandavo, a autora promove um mapeamento detalhado das tópicas retomadas no poema, destacando as ambiguidades e os pontos de vista conflitantes presentes nesses escritos que acabaram por desempenhar o papel de discurso de autoimagem do Brasil.

Eis, em linhas muito gerais, a rota que convidamos o leitor a percorrer. Esperamos que o caminho se mostre instrutivo, agradável e ilustrativo das discussões e pesquisas levadas a cabo no interior do grupo Escritos sobre os Novos Mundos.

Gostaríamos de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2013/14786-9, pelo financiamento do Projeto Temático “Escritos sobre os Novos Mundos: uma história da construção de valores morais em língua portuguesa”, projeto no seio do qual foi nutrido este livro, que conta com a participação de vários membros do grupo.

Referências

- FRANÇA, S. S. L. *Mulheres dos outros: os viajantes cristãos dos séculos XIII, XIV e XV e as mulheres das terras a oriente*. São Paulo: Editora UNESP, 2015. 240 p.
- FRANÇA, S. S. L.; NASCIMENTO, R. C. S.; LIMA, M. P. *Peregrinos e peregrinações*. Petrópolis: Vozes, 2017. (série A Igreja na história).
- MAINENTE, R. A. *Música e civilização: a atividade musical no Rio de Janeiro oitocentista (1808-1863)*. São Paulo: Alameda, 2015. 309 p.
- NETO, J. M. G. S.; BUENO, A. S.; BIRRO, R. M. (Org.). *Antigas leituras: olhares do presente ao passado*. Rio de Janeiro: Autografia, 2016.
- PEREIRA, M. C. C. L. *Pensamento em imagens: montagens topo-lógicas no claustro de Moissac*. São Paulo: Intermeios, 2016. v. 1. 275 p.
- PEREIRA, M. S. *Insultos e afagos: Sílvia Romero e os debates de seu tempo*. Curitiba: CRV, 2017. 190 p.
- ROCHA, M. R.; FRANÇA, J. M. C.; FERREIRA, R. A. (Org.). *Etiópe resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2017. 223 p.
- TEODORO, L. A. *Lições para o homem casado*. São Paulo: Editora UNIFESP, 2016. 304 p.
- VIOTTI, A. C. C. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2017. 210 p.